



Universidades Lusíada

Alexandre, António Gonçalves

“O Mar Vermelho como espaço de competição geopolítica”

<http://hdl.handle.net/11067/6666>

<https://doi.org/10.34628/a0xd-kg74>

Metadados

Data de Publicação

2021

Resumo

Situado entre dois dos mais relevantes pontos de estrangulamento marítimo globais – o Canal do Suez e o Estreito de Bab el-Mandeb – o Mar Vermelho liga o Mar Mediterrâneo ao Oceano Índico e constitui-se como a rota marítima mais curta entre a Europa e América do Norte e o Sudeste asiático. Os Estados ribeirinhos do Mar Vermelho e as potências globais têm interesse em assegurar a liberdade de navegação através daquela rota, dado que mais de 10% do transporte marítimo global navega anualmente pel...

Situated between two of the most important global maritime bottlenecks – the Suez Canal and the Bab el-Mandeb Strait – the Red Sea connects the Mediterranean Sea with the Indian Ocean and is the shortest sea route between Europe and North America and South-East Asia. States bordering the Red Sea and global powers have an interest in ensuring freedom of navigation through that route, given that more than 10 per cent of global shipping sails through its waters annually and approximately \$700 billi...

Palavras Chave

Geopolítica, Mar Vermelho - Comércio, Canal Suez (Egipto) - Aspectos estratégicos, Comércio internacional

Tipo

article

Revisão de Pares

Não

Coleções

[ULL-FCHS] LPIS, n. 21-22 (2021)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-05-03T05:27:33Z com informação proveniente do Repositório

“O MAR VERMELHO COMO ESPAÇO DE COMPETIÇÃO GEOPOLÍTICA”

António Gonçalves Alexandre

Capitão-de-mar-e-guerra, na reserva

Doutor em Relações Internacionais

Investigador associado no Centro de Investigação e Desenvolvimento do

Instituto Universitário Militar

amgalexandre527@hotmail.com

ORCID: 0000-0002-2697-1951

DOI: <https://doi.org/10.34628/a0xd-kg74>

Recebido: 13.05.2022

Aprovado: 14.10.2022

Resumo: Situado entre dois dos mais relevantes pontos de estrangulamento marítimo globais – o Canal do Suez e o Estreito de Bab el-Mandeb – o Mar Vermelho liga o Mar Mediterrâneo ao Oceano Índico e constitui-se como a rota marítima mais curta entre a Europa e América do Norte e o Sudeste asiático.

Os Estados ribeirinhos do Mar Vermelho e as potências globais têm interesse em assegurar a liberdade de navegação através daquela rota, dado que mais de 10% do transporte marítimo global navega anualmente pelas suas águas e aproximadamente 700 mil milhões de dólares de bens circulam através dela todos os anos, incluindo a maior parte do comércio marítimo entre a Europa e a Ásia.

No entanto, o Mar Vermelho é também uma das regiões mais voláteis do mundo. Têm vindo a coexistir neste espaço, nos anos mais recentes, conflitos (como o do Iémen), disputas territoriais (entre o Egito e o Sudão pelo triângulo de Halayeb), disputas pelo acesso a recursos (hídricos e energéticos) e disputas pela supremacia regional por parte das potências globais (EUA, China e Rússia) e regionais (Arábia Saudita, Irão, Turquia, Egito e Etiópia).

Este artigo analisa a competição geopolítica em curso na região do Mar Vermelho. As conclusões evidenciam que essa competição existe e está mesmo em fase ascendente.

Palavras-chave: Mar Vermelho; Canal do Suez; Estreito de Bab el-Mandeb; Comércio marítimo internacional; Competição geopolítica.

Abstract: Situated between two of the most important global maritime bottlenecks – the Suez Canal and the Bab el-Mandeb Strait – the Red Sea connects the Mediterranean Sea with the Indian Ocean and is the shortest sea route between Europe and North America and South-East Asia.

States bordering the Red Sea and global powers have an inte-

rest in ensuring freedom of navigation through that route, given that more than 10 per cent of global shipping sails through its waters annually and approximately \$700 billion worth of goods move through it every year, including most of the maritime trade between Europe and Asia.

However, the Red Sea is also one of the most volatile regions in the world. In recent years, conflicts (such as in Yemen), territorial disputes (between Egypt and Sudan over the Halayeb triangle), disputes over access to resources (water and energy) and disputes for regional supremacy by global (US, China, and Russia) and regional (Saudi Arabia, Iran, Turkey, Egypt, and Ethiopia) powers have been coexisting in this space.

This article analyses the ongoing geopolitical competition in the Red Sea region. The findings highlight that such competition exists and is even in an upward cycle.

Keywords: Red Sea; Suez Canal; Bab el-Mandeb Strait; International maritime trade; Geopolitical competition.

1. Introdução

O Mar Vermelho estende-se por 2250 quilómetros e constitui-se como a rota marítima que separa o Mediterrâneo do Oceano Índico, através do qual transitam vários milhares de milhões de euros no comércio marítimo todos os anos, incluindo 12% do comércio marítimo global e 40% do comércio da Ásia com a Europa – incluindo cerca de cinco milhões de barris de petróleo (3,8% do total) (Dentice, 2022).

Mas além daquela relevante dimensão económica, associada a esta via navegável existe, de igual modo, uma importante dimensão política. De facto, o Mar Vermelho tem vindo a tornar-se – em particular ao longo da segunda década do século XXI – um espaço de afirmação de atores globais e regionais que têm invariavelmente procurado estender a sua influência na região. Para além dos Estados ribeirinhos do Mar Vermelho e das monarquias do Golfo Pérsico – sobretudo Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos (EAU) e Qatar –, também os EUA, a China, a Turquia e o Irão têm vindo a consolidar a sua presença no Mar Vermelho e na região contígua do Corno de África (Global Security, 2020).

Por outro lado, ao longo do corrente século aqueles relevantes espaços marítimos têm sido fustigados por riscos e ameaças diversas à sua segurança, que, no limite, podem colocar em causa a liberdade de navegação e o próprio comércio marítimo internacional (em particular de energia). Embora a ameaça de pirataria com origem na Somália tenha praticamente deixado de se fazer sentir a partir de 2014 – em particular nos acessos ao Estreito de Bab el-Mandeb, relevante *chokepoint*¹ – em resultado da intervenção mus-

¹ Um *chokepoint* refere-se a um ponto de congestionamento natural ao longo de duas passagens navegáveis mais largas e importantes. Pese embora a sua grande relevância estratégica, os *chokepoints* são, todavia, particularmente vulneráveis a bloqueios ou interrupções

culada da comunidade internacional, uma nova ameaça à liberdade de navegação surgiu naqueles espaços devido ao conflito no Iémen, que assumiu um carácter regional com o início da campanha saudita (com o apoio dos EAU) contra o movimento Houthi², em 2015. Os Houthis são, por sua vez, apoiados pelo Irão, e detêm a capacidade de lançar minas marítimas e utilizar embarcações com explosivos e mísseis antinavio para atacar a navegação em trânsito naqueles espaços confinados (Guzansky & Eran, 2018).

Nos anos mais recentes, ocorreram vários ataques a petroleiros e cargueiros no sul do Mar Vermelho. Há registos de lançamento de minas marítimas em determinados espaços ao largo da costa iemenita, bem como de diversos ataques com drones e mísseis a partir do Noroeste do Iémen, que transformaram esta região num dos principais teatros de confronto em todo o Médio Oriente (Dentice, 2022), (Fabian, 2022). A Figura 1 mostra os ataques levados a cabo pelos Houthis contra posições sobretudo na Arábia Saudita (mas também de outros Estados do Golfo Pérsico) e em pleno Mar Vermelho, entre janeiro de 2016 e setembro de 2021 (Jones, et al., 2021).

deliberadas (Ang, 2021).

² Formalmente designado *Ansar Allah* - apoiantes de Alá - é também conhecido como o movimento Houthi ou simplesmente Houthis. Trata-se de um movimento sociopolítico xiita que surgiu no Iémen em 1994. Defende a justiça social e a oposição a Israel e aos EUA (Islam Wiki, 2022).

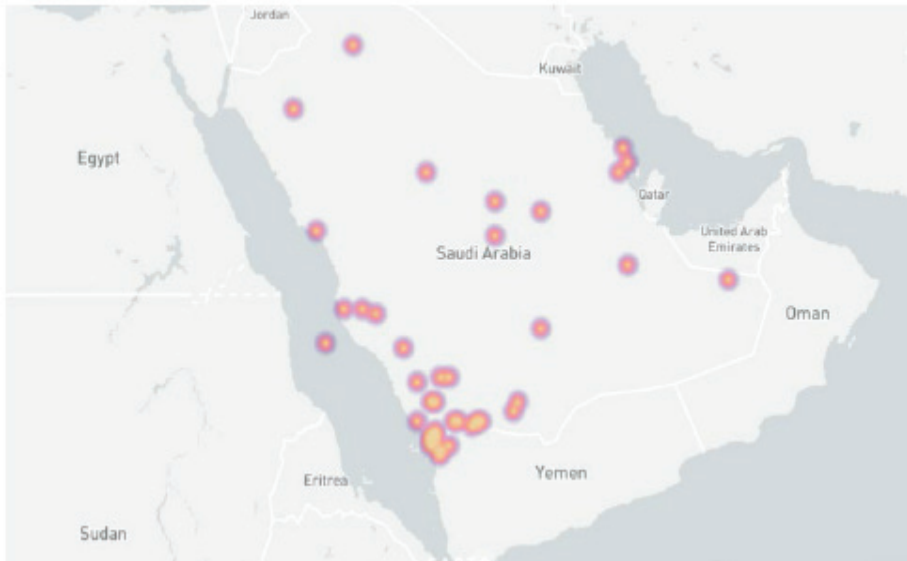


Figura 1: Ataques conduzidos pelos Houthis, entre 2016 e 2021
Fonte: (Jones, et al., 2021, p. 10)

A importância do Mar Vermelho e as ameaças à segurança regional têm vindo a levar, outrossim, à sua crescente militarização – de que é exemplo claro o inusitado números de bases militares, já operacionais ou ainda em fase de construção, tanto no Mar Vermelho como nos espaços marítimos adjacentes – que a Figura 2 evidencia.



Figura 2: Bases militares e portos comerciais no Mar Vermelho e Corno de África
Fonte: (Larsen & Stepputat, 2019)

Nesta dimensão militar, releva a constituição, em abril deste ano, de uma nova *Combined Task Force* (CTF) pertencente à parceria multinacional (de 34 Estados) liderada pelos EUA – a *Combined Maritime Forces* – sediada no Bahrain. Tem a designação CTF 153 e a sua área de operações cobrirá todo o Mar Vermelho, desde o Canal do Suez através do Estreito de Bab el-Mandeb e do Golfo de Áden até à fronteira do Iémen com Omã. Desenvolverá operações de segurança marítima com foco no tráfico humano e contrabando de produtos legais (como o carvão) e ilegais (como armas e drogas) (Al-Mashareq, 2022).

Atenta a relevância das dimensões (política, económica e militar) elencadas, o argumento que defendemos é que estamos a assistir a uma competição geopolítica alargada no Mar Vermelho, envolvendo Estados ribeirinhos, potências regionais e globais, que tentam impor uma nova ordem naquela região.

Em termos metodológicos, focámos a nossa análise nos níveis global e regional, procurando aquilatar de que modo cada um dos atores objeto de estudo se tem posicionado naquela contenda. Optámos por seguir um quadro epistemológico interpretativista, uma estratégia de investigação qualitativa e utilizámos como método preferencial de coleta de dados fontes documentais escritas (Santos & Lima, 2019).

O artigo está dividido em três capítulos, para além da introdução e das conclusões. O primeiro capítulo aborda o enquadramento histórico da relevância do Mar Vermelho. O segundo elenca os fatores geopolíticos conjunturais mais relevantes. O terceiro apresenta uma visão prospetiva de interações geopolíticas entre os atores em causa. As conclusões elencam as disputas geopolíticas em jogo.

2. Enquadramento histórico

Desde a antiguidade até ao século XV, o Mar Vermelho foi a principal via para o comércio marítimo Leste - Oeste. Mas a carga tinha que ser descarregada no Egito, transportada por terra e depois carregada de novo nos navios. A descoberta da rota marítima através do Cabo da Boa Esperança levou, porém, a uma queda no comércio através do Estreito de Bab el-Mandeb – já que para evitar o incómodo processo de viajar por terra, os comerciantes passaram a navegar pelos espaços marítimos em redor de África (Wood, 2018).

Em 1869, ocorreu a abertura do Canal do Suez. Os navios podiam agora navegar diretamente do Mar Vermelho para o Mediterrâneo e a distância dos portos asiáticos aos portos europeus foi reduzida em até dois terços. A rota através do Estreito de Bab el-Mandeb tornou-se, subitamente, uma das mais cruciais em todo o mundo. Através deste estreito de 29 quilómetros de largura, navegam cerca de 20.000 navios por ano – uma média de 55 por dia –, sendo que desde a década de 1930 que entre estes navios se incluem petroleiros (Wood, 2018).

A Guerra Fria revelou um ciclo competitivo entre os EUA e a União Soviética por influência no Mar Vermelho. Durante a década de 1970, os EUA temeram mesmo que o Mar Vermelho se tornasse

um “lago comunista” devido aos regimes pró-soviéticos que controlavam diversos Estados – entre os quais a Somália, a Etiópia e a República Popular Democrática do Iémen (Iémen do Sul) (Obsiye, 2017), (Payne, 2022).

A partir do final do século passado, os EUA concentraram-se na condução de operações de segurança marítima nos espaços marítimos em redor da Península Arábica e já no século XXI temos vindo a assistir a um impulso renovado da Rússia em garantir influência acrescida que inclui a manutenção da capacidade de projetar poder em toda a região do Mar Vermelho. Também neste século ocorreu a abertura da primeira base militar fora de portas da China, no Djibuti, que é reflexo da importância da região para Pequim (Payne, 2022).

Este século, ainda, sobretudo desde 2014, tem evidenciado diversos interesses económicos e estratégicos que têm vindo a conduzir a níveis nunca antes vistos de atividade de Estados do Golfo Pérsico no Mar Vermelho, em particular na região do Corno de África³. A manifestação mais tangível deste novo interesse tem sido uma corrida à obtenção de acessos a (e gestão de) portos comerciais e à edificação de bases militares (Vertin, 2019b).

Em 2015, com o início da guerra no Iémen, as diferentes fações – Houthis, apoiados pelo Irão, e as forças do governo de Abd Rabbuh Mansur Hadi, apoiadas pela Arábia Saudita e EAU – têm vindo a procurar exercer o controlo do território iemenita (incluindo a linha de costa), e uma tensão crescente com o Irão manifestou-se nos espaços marítimos adjacentes, francamente congestionadas e que têm permanecido desde então extremamente instáveis (Vertin, 2019b). A Figura 3 mostra os diferentes atores neste conflito.

³ Considera Alex de Waal (2020) que a costa africana do Mar Vermelho e a Península Arábica devem ser vistas como um único bloco cultural, assumindo-se o Mar Vermelho verdadeiramente como um lago afro-arábico e não como uma divisão continental. As populações costeiras do Iémen e do norte da Somália partilham uma herança e uma língua comuns, o império abissíneo estendeu-se pelas duas margens do Mar Vermelho e até o Profeta Maomé incentivou os seus seguidores a procurarem asilo na Etiópia (Waal, 2020).



Figura 3: Atores no conflito do Iémen
Fonte: (Haddad, 2022)

As terras altas do norte do Iémen e a capital Sanaa permanecem sob controlo dos Houthis. A sul fica a cidade portuária de Áden, que foi capturada pelo *Southern Transitional Council*⁴, em 2019, local onde permanece, temporariamente, o governo do Iémen reconhecido internacionalmente. A Figura 4 evidencia as zonas do Iémen controladas pelos diferentes atores aí presentes, tendo como referência fevereiro de 2022.

⁴ Formado em 2017, é um movimento secessionista centrado na conquista da independência do Iémen do Sul e é apoiado pelos EAU (Middle East Eye, 2019).

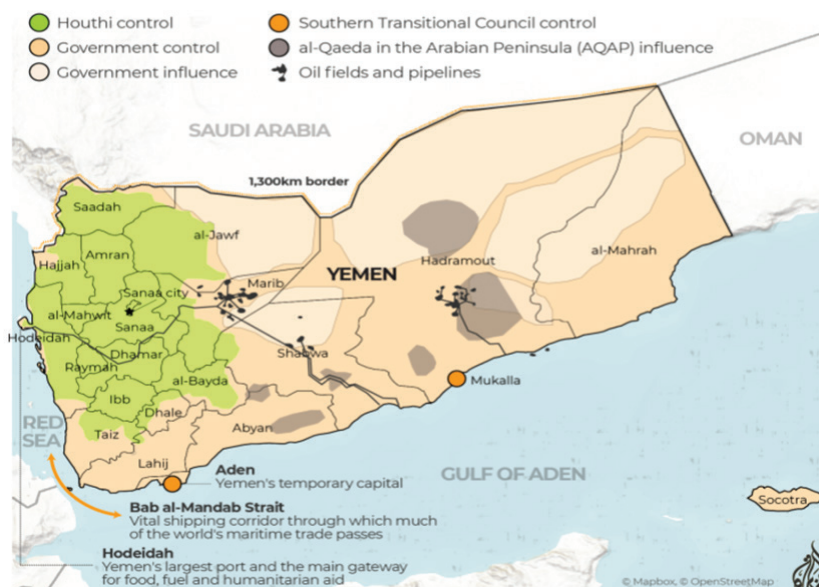


Figura 4: Zonas controladas no Iémen
 Fonte: (Haddad, 2022)

Em 2020, a Arábia Saudita gastou 57,5 mil milhões de dólares – 8,4 por cento do PIB – com as suas forças armadas. Em 2021, os gastos ascenderam a cerca de 50 mil milhões de dólares e tinha previsto gastar 46 mil milhões de dólares em 2022. Entre 2016 e 2020, quase um quarto (24%) das exportações de armas dos EUA, 32% do Reino Unido e 49% do Canadá foram para a Arábia Saudita (Wezeman, et al., 2021).

Ainda no período 2016-2020, entre as dez maiores despesas com aquisição de equipamento militar em todo o mundo, quatro pertencem a Estados da Península Arábica e do Mar Vermelho – Arábia Saudita, Egito, Qatar e EAU. A Figura 5 elenca os Estados que mais gastaram (em percentagem do PIB) naquele período (Haddad, 2022).

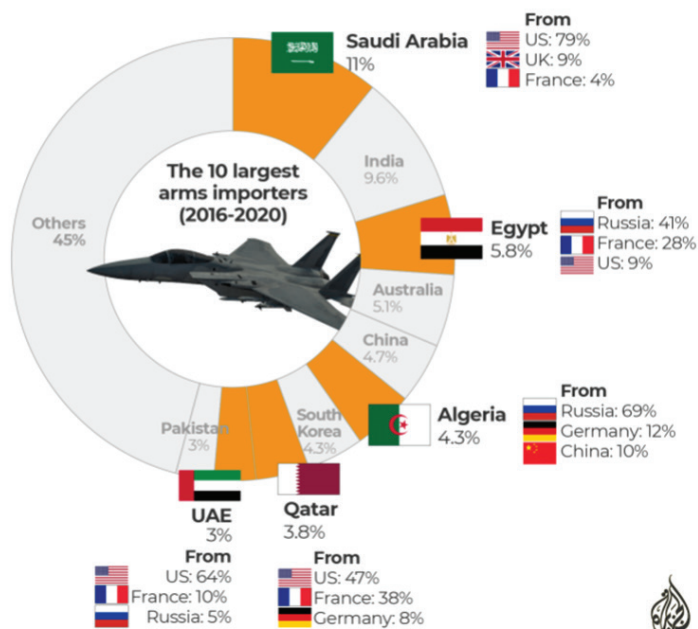


Figura 5: Maiores importadores de armamento entre 2016 e 2020
Fonte: (Haddad, 2022)

Em 2017, em resultado da crise entre as monarquias do Golfo Pérsico⁵, a oposição da facção constituída pela Arábia Saudita, os EAU, o Bahrain e o Egito à facção constituída pelo Qatar e Turquia, foi literalmente transportada para o Mar Vermelho. Animada por correntes políticas, ideológicas e comerciais, a rivalidade em causa polarizou o Mar Vermelho e desestabilizou particularmente o Corno de Corno, uma região já de si extremamente volátil. Os anos que se seguiram ficaram marcados por iniciativas diversas dos Estados do Golfo com o propósito de assegurarem os seus fortes interesses comerciais na região, em particular na Somália, no Djibuti, na Eritreia e no Sudão (Vertin, 2019b).

⁵ Arábia Saudita, EAU e Bahrain (a que se juntou o Egito) anunciaram, em conjunto, o rompimento de relações diplomáticas com o Qatar, procedendo ao corte de ligações aéreas, marítimas e terrestres, e ordenaram aos funcionários diplomáticos de Doha o seu regresso ao país de origem, em resultado do seu apoio aos movimentos da Primavera Árabe – em particular à Irmandade Muçulmana, no Egito (Tharoor, 2017).

3. Identificação dos fatores geopolíticos conjunturais

Em linha com o pensamento de José Freire Nogueira de que os estudos geopolíticos podem ser melhor entendidos se forem considerados “fatores estruturais” (geográficos e não geográficos), mas também “fatores conjunturais” (que incluem, entre outros, os fatores políticos, económicos e militares) (Nogueira, 2011, pp. 300-303), o presente capítulo tem como objetivo a identificação dos atores estatais – globais e regionais – que possuem interesses geopolíticos, geoeconómicos e geoestratégicos na região do Mar Vermelho, bem como os fatores que têm maior impacto nas relações entre eles.

3.1. Nível global

No nível global iremos considerar a potência que tem sido dominante na região desde o fim da Guerra Fria (os EUA), a potência desafiante (China) que procura estender a sua influência naquela região – que é absolutamente estratégica para a implementação da rota marítima da *Belt and Road Initiative* (BRI) – e a potência revisionista (Rússia) que pretende regressar a uma região onde foi preponderante enquanto União Soviética.

3.1.1. EUA

Embora os compromissos militares dos EUA tenham permanecido significativos no Mar Vermelho, Washington assumiu ao longo da segunda década do presente século uma postura menos interventiva, pouco condizente com o seu tradicional papel de potência dominante na região. A aquiescência inicial à entrada da coligação liderada pela Arábia Saudita no conflito iemenita, seguida, todavia, de um apoio diplomático errático e do desinteresse frequente em apoiar uma verdadeira solução política, é um exemplo claro dessa tendência (United States Institute of Peace, 2020b).

A região alargada do Mar Vermelho permanece repleta de conflitos intraestatais e por procuração e a retração estratégica dos EUA não foi substituído por qualquer nova arquitetura de segurança. A rota marítima do Mar Vermelho tem permanecido segura até à

presente data porque a generalidade dos Estados têm interesse em mantê-la aberta e protegida. A resposta *ad hoc* às necessidades da segurança marítima tem sido o modelo encontrado pelos diferentes atores para fazer face à ausência de um quadro estratégico que permita abordar as tendências emergentes de insegurança patrocinadas por atores estatais (como o Irão) e não estatais (sobressaindo os diversos movimentos radicais existentes na região, como os Houthis). Além disso, a confiança relativamente aos EUA – designadamente se têm interesse em proteger a liberdade de navegação e as infraestruturas chave e se são capazes de o fazer – tem vindo, de igual modo, a diminuir entre os Estados da região (United States Institute of Peace, 2020b).

No entanto, dois desenvolvimentos recentes marcaram a geopolítica do Mar Vermelho – presa entre o poder das grandes potências e as rivalidades regionais. O primeiro desenvolvimento está relacionado com a decisão norte-americana de criar uma nova *Task Force* (TF) multinacional para atuar no Mar Vermelho, em operações de segurança marítima – em particular, na prevenção do contrabando de armas e de narcóticos nas águas ao largo do Iémen. O segundo desenvolvimento está relacionado com a decisão iraniana de reforçar a sua presença naval na região sul do Mar Vermelho. Estas duas tendências opostas podem vir a intensificar a competição geopolítica no Mar Vermelho (Mishra & Gurjar, 2022).

Por outro lado, o estabelecimento, no final de 2021, do grupo quadrilateral constituído pela Índia, Israel, EAU e EUA – conhecido como I2U2⁶ –, abre oportunidades para estes Estados trabalharem em conjunto no Mar Vermelho. O propósito desta nova parceria, muito centrado na vertente económica, consiste em aprofundar a colaboração tecnológica na região e enfrentar os desafios transnacionais em seis áreas focais: água, energia, transportes, espaço, saúde e segurança alimentar (Mishra & Gurjar, 2022), (Markey & Youssef, 2022).

⁶ Acrónimo que significa *India, Israel, the United Arab Emirates and the United States* (Markey & Youssef, 2022).

3.1.2. China

Os interesses da China no Mar Vermelho estão ancorados no seu envolvimento económico, que Pequim vê, juntamente com a política de não interferência, como a principal forma de ganhar influência naquela região. Entre tais interesses, incluem-se um fluxo estável do comércio e recursos energéticos, a proteção dos cidadãos chineses e dos investimentos económicos na região e a construção de laços através de mecanismos multilaterais liderados por Pequim⁷ (United States Institute of Peace, 2020a).

E o facto é que desde 2000 que a pegada económica de Pequim em África se expandiu, com a China a ultrapassar os Estados Unidos, em 2009, para se tornar o maior parceiro comercial daquele continente. Com o incremento das actividades económicas, diplomáticas e militares na região, a China tem vindo a assumir-se como um ator relevante no Mar Vermelho. Este compromisso, assente na BRI, levou ao investimento em infraestruturas e criação de oportunidades que podem beneficiar os Estados do Mar Vermelho (United States Institute of Peace, 2020a).

Por outro lado, a presença da China no Djibuti – com a edificação da sua primeira base militar fora de portas, em 2017 – pode ter implicações tanto nas dinâmicas de segurança a curto como a longo prazo. A curto prazo, as preocupações incluem o potencial de confrontos militares inadvertidos resultantes do aumento significativo de meios navais de diversas origens e de comportamentos imprevisíveis – sobretudo nas águas congestionadas do Estreito de Bab el-Mandeb e Sul do Mar Vermelho. A longo prazo, as preocupações centram-se em torno da base militar da China no Djibuti que facilitará a capacidade de Pequim garantir o controlo daquela estratégi-

⁷ Pequim tem duas plataformas de diálogo com Estados africanos e árabes: o *Forum on China-Africa Cooperation* e o *China-Arab States Cooperation Forum*, tendo ambos vindo a reunir regularmente desde 2000. Por outro lado, Pequim tem vindo a expandir o seu *soft power*, designadamente através do financiamento de estudos, na China, a milhares de funcionários, estudantes e jornalistas de diversos Estados (incluindo os do Mar Vermelho) e da abertura de Institutos Confúcio nas suas capitais (United States Institute of Peace, 2020a).

ca via marítima⁸. À China interessa uma região estável, com rotas marítimas protegidas. Para isso mantém um número significativo de meios militares na região que podem, no entanto, ampliar tensões já existentes com outras potências – designadamente com os EUA⁹ (United States Institute of Peace, 2020a).

3.1.3. Rússia

As ambições de Moscovo no Mar Vermelho expandiram-se acentuadamente desde 2017 (em resultado de contactos estabelecidos entre o então Presidente sudanês Omar Al-Bashir e o seu homólogo russo Vladimir Putin, em Sochi, na Rússia¹⁰). Tais ambições estão ligadas ao propósito de reforçar as parcerias na região do Indo-Pacífico e estendem-se às esferas económica, militar e diplomática (Ramani, 2021).

Moscovo tem procurado aproveitar o que designa por “envolvimento ocidental inconsistente” no Mar Vermelho – consubstanciado na retirada militar dos EUA da Somália, na imposição de sanções contra o Sudão, a Eritreia e a Etiópia, e até mesmo na existência de uma relação flutuante com o Egito – para incrementar a influência na região. Mas enfrenta obstáculos substanciais que emanam da sua reduzida pegada económica e da crescente concorrência pela projeção de poder no Mar Vermelho (Ramani, 2021).

A Rússia considera indispensável expandir a sua influência naquela região, por três fatores principais: em primeiro lugar, associou uma presença no Mar Vermelho a um estatuto de grande

⁸ A China mantém forças no Corno de África desde 2008, quando iniciou as operações de combate à pirataria somali. De acordo com Jiefangjun Bao, no final de 2019 o *People's Liberation Army Navy* tinha destacado trinta e quatro TF que escoltaram mais de 6.700 navios chineses e estrangeiros (Bao, 2019).

⁹ Aos desafios imediatos colocados pela proximidade das bases militares da China e dos EUA no Djibuti, somam-se os de longo prazo, relacionados com a crescente capacidade de Pequim de exercer o controlo sobre vias navegáveis estratégicas (United States Institute of Peace, 2020a).

¹⁰ Nesse encontro foi debatida a edificação de uma base naval russa no Mar Vermelho. Mas após anos de negociações, só existe aprovação para um centro de abastecimento em *Port Sudan* (Dierich, 2021).

potência durante quase um século¹¹; em segundo lugar, este espaço marítimo é uma área emergente na sua política de projeção de poder¹²; em terceiro lugar, o foco renovado na região reflete o crescente interesse na segurança do Oceano Índico, considerado como “zona prioritária” na sua doutrina militar de 2015¹³ (Ramani, 2021).

Apesar da longa história de envolvimento da Rússia com os países do Mar Vermelho, as actividades comerciais são o pilar mais fraco da sua estratégia para a região. Os laços comerciais com o Egito¹⁴ e a Arábia Saudita¹⁵ estão a crescer, mas lentamente. Por outro lado, o volume do comércio com Etiópia, Sudão e Somália é marginal (Ramani, 2021).

3.2. Nível regional

No nível regional, e por necessidade de delimitação do estudo, iremos centrar-nos nas potências que têm estado mais ativas na projeção de poder na região do Mar Vermelho com o intuito de alcançarem uma posição de superioridade na definição de uma nova ordem regional – Arábia Saudita, Irão, Egito, Etiópia e Turquia –, às

¹¹ Durante a Guerra Fria, a União Soviética expandiu a sua influência no Mar Vermelho, tendo alinhado com o Egito (até sensivelmente meados da década de 1970) e emergido como o principal apoiante da Etiópia e do então Iémen do Sul (Ramani, 2021).

¹² Embora a Rússia não dependa do Estreito de Bab el-Mandeb para as exportações de petróleo, a segurança deste *chokepoint* é vital para a estabilidade dos mercados, que são, esses sim, de interesse fundamental para Moscovo. Nesta perspetiva, tentou junto do Djibuti alcançar um acordo para a construção de uma base militar, sem sucesso (Ramani, 2021).

¹³ A doutrina marítima da Rússia, de 2015, identificou o Índico como uma das áreas regionais prioritárias da sua política marítima nacional (Russia Maritime Studies Institute, 2015). A nova doutrina marítima, de julho de 2022, mantém, no essencial, o que a versão de 2015 já referia relativamente ao Oceano Índico (Bouffard, 2022).

¹⁴ Em 2020, o volume de negócios comercial da Rússia e do Egito atingiu 3 mil milhões de dólares, e de acordo com o embaixador russo Georgiy Borisenko, mais 7 mil milhões de dólares seriam adicionados aos 7,4 mil milhões de dólares em investimentos na economia egípcia (Ramani, 2021), (Egypt Today, 2020). As negociações entre Rússia e Egito, em junho de 2021, resultaram na promessa de construção de uma zona industrial russa na zona económica do Canal do Suez (Ramani, 2021).

¹⁵ A meta da Arábia Saudita de 10 mil milhões de dólares em investimentos na Rússia, anunciada em julho de 2015, mantém-se em vigor (Ostroukh, 2015), (Ramani, 2021).

quais juntámos Israel por ser um ator incontornável na criação da futura arquitetura de segurança.

3.2.1. Arábia Saudita

A Primavera Árabe de 2011 – e a subsequente ascensão da Irmandade Muçulmana – implicou que a Arábia Saudita e os EAU tivessem optado por procurar alianças no Médio Oriente e Norte de África para impedirem a propagação daquilo que consideraram ser uma ameaça existencial para os seus regimes (Larsen & Stepputat, 2019).

Por outro lado, o envolvimento da Arábia Saudita (e dos EAU) no conflito iemenita contra o seu arqui-inimigo Irão (que apoia o movimento Houthi) foi o ponto de partida para um maior envolvimento militar de ambos os Estados na região alargada do Corno de África. Desenvolveram, ainda, esforços junto da ONU para que as sanções contra a Eritreia fossem levantadas, o que permitiu que a Arábia Saudita tenha sido autorizada a construir uma base militar em Assab – cidade portuária da Eritreia no Mar Vermelho – e que os EAU tenham previsto edificar uma base militar no Porto de Berbera, na região somali da Somalilândia (Larsen & Stepputat, 2019).

Riade tem sido um ativo contribuinte para o multilateralismo em toda a região, mantendo parcerias existentes e estabelecendo outras. É disso exemplo o novo organismo regional – *Council of the Arab and African States of the Red Sea and the Gulf of Aden*, mais conhecido por *Red Sea Forum*¹⁶ – que foi fundado com o intuito de se centrar em questões diversas nas áreas da cooperação económica, de intercâmbios culturais e do ambiente. Mas este fórum serve um propósito mais amplo da Arábia Saudita, que consiste em preser-

¹⁶ Foi lançado oficialmente a 6 de janeiro de 2020, em Riade. É formado pelos Estados costeiros do Mar Vermelho e do Golfo de Áden, e inclui Egito, Jordânia, Arábia Saudita, Iémen (o governo internacionalmente reconhecido), Sudão, Eritreia, Djibuti e Somália (Sánchez, 2020). A Arábia Saudita vê-se, todavia, perante um dilema sobre a eventual inclusão da Etiópia neste organismo: mantê-la fora faz pouco sentido; por outro lado, incluí-la seria colocar em causa a participação do Egito, atentos os grandes diferendos que o opõem à Etiópia (muito se devendo às disputas entre ambos pelo controlo do caudal do Rio Nilo) (Global Security, 2020).

var o Mar Vermelho da influência externa, especialmente dos seus rivais políticos (Turquia e Irão)¹⁷. Riade entende que criar uma plataforma centrada nos países ribeirinhos é uma forma eficiente de afirmar que a Turquia e o Irão nada têm a ver com os assuntos do Mar Vermelho (Bagnetto, 2020).

Embora Egito e Arábia Saudita estejam alinhados no *Red Sea Forum*, têm, no entanto, competido pela influência no mundo árabe. Isso tem-se manifestado até mesmo dentro daquele fórum com o Cairo a mostrar desconfianças já que considera que Riade pretende exercer uma influência desproporcionada, de modo a utilizá-lo como veículo para os seus interesses na região (United States Institute of Peace, 2020b). Por outro lado, quem foi incluído e, sobretudo, quem foi excluído – em particular a Etiópia – coloca outro conjunto de questões sensíveis aos Estados signatários desta parceria (situando, de novo, Egito e Arábia Saudita em campos opostos).

3.2.2. Irão

A pretexto do que diz ser necessário para proteger os petroleiros iranianos contra a ameaça de pirataria, o Irão tem vindo a reforçar a sua presença naval nos espaços marítimos que envolvem a Península Arábica – Golfo Pérsico, Mar Arábico, Golfo de Áden e Mar Vermelho. Mas tem igualmente vindo a apoiar movimentos insurgentes – entre os quais os Houthis no Iémen¹⁸ – o que para Israel,

¹⁷ O que torna a presença turco-iraniana ainda mais preocupante para a Arábia Saudita é a falta da presença dos EUA no Mar Vermelho. É verdade que navios americanos navegam diariamente através do Mar Vermelho, mas não há ali uma presença permanente (e robusta) de meios da marinha norte-americana, como antes acontecia com a 5ª esquadra no Índico ou a 6ª esquadra no Mediterrâneo (Moubayed, 2017).

¹⁸ O apoio iraniano aos Houthis no conflito iemenita alterou significativamente as capacidades militares daquele movimento, inclusive permitindo-lhe construir um arsenal que inclui mísseis balísticos e drones de ataque. Os Houthis têm como alvo prioritário a Arábia Saudita, mas também os EAU têm sido objeto dos seus ataques. A supremacia deste movimento no noroeste do Iémen permite-lhe, de igual modo, atacar alvos israelitas no Mar Vermelho – incluindo navios e cidades israelitas meridionais, como Eilat (Zimmerman & Heras, 2022). Por outro lado, as capacidades militares dos Houthis dão-lhes a possibilidade de estrangular a passagem para o Mar Vermelho através do Estreito de Bab al-Mandeb, com repercussões incalculáveis no comércio

Egito e Estados árabes do Golfo Pérsico é visto como uma ameaça à segurança regional e ao comércio marítimo internacional (United States Institute of Peace, 2020a), (Reuters, 2022).

Teerão procura, através do seu apoio aos Houthis, contestar Israel e a nova aliança – *Abraham Accords*¹⁹ (Zimmerman & Heras, 2022). Mas a sua estratégia é mais ampla e baseia-se em duas linhas, ambas dirigidas para o Mediterrâneo. A primeira linha é a edificação de uma ponte terrestre que permitirá ao Irão ligar o seu território à bacia mediterrânica – via Iraque, Síria e Líbano. Permitirá o fornecimento de armamento ao Hezbollah com maior facilidade e a capacidade de exercer pressão sobre Israel, não só desde a fronteira libanesa mas também a partir da Síria. A segunda linha consiste na utilização da rota marítima que se estende do Golfo Pérsico até ao Mediterrâneo através do Mar Vermelho e do Canal do Suez (Dentice, 2022), (Mishra & Gurjar, 2022).

Relativamente a uma nova ordem regional, Teerão tem vindo a liderar uma aliança informal que se baseia em princípios revisionistas partilhados por diversos atores estatais e não-estatais da região do Médio Oriente. Entre esses atores constam os movimentos Houthis e Hezbollah – que são, tal como o Irão, maioritariamente xiitas – e se opõem a uma ordem regional dominada pelos EUA, Israel, Arábia Saudita e os seus aliados sunitas. Importa referir, de resto, que a perspetiva sociopolítica, militar e estratégica dos Houthis se alinhou, mais ainda, com a do Irão à medida que consolidaram o poder no Norte do Iémen. Tal alinhamento torna possível, na prática, que Teerão seja capaz de manter uma pressão militar consistente e estratégica na região sul da Península Arábica contra Estados árabes – como a Arábia Saudita e os EAU – mas que se constitui, do mesmo modo, como uma ameaça credível contra Israel (Zimmerman & Heras, 2022).

marítimo internacional (Hashem, 2020).

¹⁹ Acordos formalizados a 15 de setembro de 2020 que visaram o estabelecimento de relações diplomáticas entre Israel e os seus vizinhos árabes com o intuito de consolidar e expandir relações amigáveis baseadas em interesses partilhados e no compromisso comum para um futuro melhor. Inicialmente os acordos foram estabelecidos entre Israel e os EAU e o Bahrain, a que seguiram, no final de 2021, Marrocos e o Sudão (U.S. Department of State, 2021).

3.2.3. Egito

Durante grande parte da segunda metade do século XX, o Egito procurou assumir-se como líder simbólico do mundo árabe. Já no corrente século, o Presidente Abdel Fattah al-Sisi fez diligências para reafirmar a influência e o prestígio egípcio em África como um pilar do seu regime. Tem grandes planos económicos para o Canal do Suez, que incluem, por exemplo, a sua transformação num centro logístico internacional, e impulsionou, nos últimos anos, o aumento significativo da atividade naval egípcia no Mar Vermelho²⁰¹ (United States Institute of Peace, 2020b), (Zaher, 2020).

O Egito considera, ainda, que tem o direito de intervir militarmente para impedir os Houthis de fechar o Estreito de Bab el-Mandeb, acrescentando que tal encerramento “teria efeitos muito negativos no comércio através do Canal do Suez”, uma das principais fontes de rendimento do país (Shay, 2017). Por outro lado, ao combater a ameaça que os Houthis representam para a segurança marítima no Mar Vermelho, o Cairo está a ajudar os seus aliados do Golfo Pérsico a resistir às ambições hegemónicas do Irão na região.

Mas o Egito tem disputas territoriais com o Sudão sobre o Triângulo de Halayeb, na costa do Mar Vermelho. Desde a independência do Sudão, em 1956, que tanto o Cairo como Cartum reivindicam a soberania sobre esta área. Como resultado deste desacordo fronteiriço, houve vários períodos de hostilidade²². A Figura 6 mostra a região disputada.

²⁰ O Egito considera o Mar Vermelho uma área de interesse estratégico e o Estreito de Bab al-Mandeb uma via navegável fundamental para a segurança nacional, já que garante o acesso ao Canal do Suez (Shay, 2017).

²¹ Abdel Fattah al-Sisi inaugurou o comando da esquadra do Mar Vermelho em janeiro de 2017 para proteger os interesses do Egito e apoiar a coligação liderada pela Arábia Saudita na luta contra os Houthis (Zaher, 2020). Mas foi a nova base militar estabelecida no início de 2020 (*Berenice Military Base*) – que inclui uma base naval, uma base aérea, um hospital, unidades de combate e administrativas, um aeroporto internacional e uma estação de dessalinização – que veio reforçar as capacidades para combater rapidamente as ameaças que se possam desenvolver naquela região (The Arab Republic of Egypt, 2020). O Egito iniciou também discussões com o Djibuti sobre a criação de uma zona logística nas proximidades do Estreito de Bab-al-Mandeb (Egypt Today, 2019).

²² Por exemplo, em 1958, o Sudão planeou a realização de eleições na região e o Egito enviou tropas para a zona. Apesar destas hostilidades, os dois países exerceram o



Figura 6: Triângulo de Halayeb: zona disputada pelo Egito e Sudão

Fonte: (Briney, 2021)

O Triângulo de Halayeb permanece sob controlo egípcio e ainda que a situação esteja relativamente calma, o Sudão nunca deixou de reclamar direitos territoriais. Com a aproximação de Ancara a Cartum – por via da reconstrução da Ilha de Suakin (que abordaremos na seção 3.2.6) – as ambições sudanesas podem ser despertadas, por influência da Turquia, e levar ao escalar de tensões entre Egito e Sudão (Moubayed, 2017).

Importa referir, por último, que a forte presença de meios militares egípcios no Mar Vermelho serve, ainda, dois outros propósitos: garantir a segurança dos trabalhos de prospeção de hidrocarbonetos ao largo da costa; e fazer face às ambições turcas na região (Zaher, 2020).

controlo conjunto do Triângulo Halayeb até 1992, quando o Egito se opôs a que o Sudão autorizasse a exploração das zonas costeiras por uma companhia petrolífera canadiana. Isto levou a novas hostilidades e a uma tentativa de assassinato, sem êxito, do então presidente Hosni Mubarak. Como resultado, o Egito reforçou o controlo e forçou os militares sudaneses a sair da região (Briney, 2021).

3.2.4. Israel

Embora o Mar Vermelho e o Corno de África raramente tenham tido um lugar de destaque no discurso político de Israel, o país tem mantido relações bilaterais de longa data – incluindo fortes parcerias de *intelligence* e segurança – com a Etiópia e a Eritreia, e mantém uma base naval em Eilat, no Golfo de Aqaba, na foz do Mar Vermelho (United States Institute of Peace, 2020b).

Sob o regime de Omar Hassan al-Bashir, o Sudão forneceu apoio e acolheu grupos hostis a Israel – como o Hamas e o Hezbollah. A preocupação com o contrabando de armas para os portos sudaneses, através do Egito, e depois para a Faixa de Gaza, levou a que Israel reagisse, bombardeando os alvos do Hamas no Sudão em 2009 e 2011 (Wood, 2009), (BBC, 2012). No entanto, em 2019 Cartum anunciou que fecharia os escritórios do Hamas e do Hezbollah como parte dos seus esforços para reconstruir as relações com os Estados Unidos e obter o levantamento das sanções impostas (Kelly, 2019). E desde essa altura que o papel de Israel tem vindo a evoluir de forma significativa, levando, por exemplo, à tentativa de normalização da sua relação com alguns Estados árabes do Golfo Pérsico – como os EAU e o Bahrain – e do Mar Vermelho – como o Sudão – depois de anos a fio de grande afastamento²³²⁴ (United States Institute of Peace, 2020b).

Em termos económicos, e com base nos *Abraham Accords* de que é signatário, Israel tem vindo a incrementar o seu interesse na região do Mar Vermelho que para si tem um potencial considerável, já que

²³ Em 13 de agosto de 2020, o Presidente Trump anunciou que os EAU tinham concordado em normalizar os laços com Israel, tornando-se o terceiro país árabe a fazê-lo (os primeiros foram Egito e Jordânia). Juntou-se, logo depois, o Bahrain. Relativamente ao Sudão, o acordo com Israel é ainda muito embrionário e frágil, dado que persistem, em Cartum, dúvidas acerca desta aproximação a um Estado que sempre foi visto como um forte oponente (United States Institute of Peace, 2020b), (Knopf & Feltman, 2020).

²⁴ Em fevereiro de 2020, uma reunião entre Benjamin Netanyahu e o chefe do Conselho Soberano do Sudão, Tenente-General Abdel Fattah al-Burhan, no Uganda, serviu de base à tentativa de normalização das relações entre Israel e o Sudão, ainda que o processo não tenha sido totalmente pacífico dentro das fronteiras sudanesas e que as condições à data alcançadas não sejam totalmente claras (Abdelaziz, 2020), (United States Institute of Peace, 2020b).

é uma rota comercial estratégica que serve o porto de Eilat. Por outro lado, Israel poderá vir a desempenhar um papel no ambicioso plano saudita “Visão 2030”²⁵ – mesmo que (ainda) de forma não oficial²⁶ – participando em vários projectos sobre comércio e infraestruturas estratégicas com outros Estados ribeirinhos. Tal perspectiva, a concretizar-se, trará consigo o potencial de transformar não só a política marítima israelita, mas também a abordagem nacional do domínio marítimo em termos de economia, política externa e estratégia militar (Dentice, 2022), (Narbone & Widdershoven, 2021).

3.2.5. Etiópia

Em termos políticos, a transição ocorrida com a subida ao poder do Primeiro-ministro Abiy Ahmed, em abril de 2018, trouxe apenas uma agenda de reformas significativas, tanto para a economia quanto para a estabilidade interna da Etiópia. A política externa etíope, muito assente na ideia de que a segurança económica através da redução da dependência dos doadores é essencial para a segurança nacional, sobretudo numa região marcada pela insegurança e por uma história de más relações entre Estados²⁷, conheceu desenvolvimentos, ainda em 2018, tendo a diplomacia regional de Abiy sido centrada na reparação das relações com a Eritreia e a Somália (Mosley, 2020).

²⁵ Em linha com os desafios criados pela transição energética e os desenvolvimentos no mercado internacional do petróleo e do gás, este plano visa acelerar a diversificação económica, afastando-se dos hidrocarbonetos. Um dos principais objetivos é que a Arábia Saudita se torne um importante *hub* logístico não só na região da Península Arábica, mas também nos fluxos comerciais Europa-Ásia e Ásia-África (Narbone & Widdershoven, 2021, pp. 9-10).

²⁶ Havendo, todavia, indícios de que pode estar para breve a formalização de um acordo de paz entre a Arábia Saudita e Israel (Spiro, 2020).

²⁷ Abiy receava que o seu projeto de (re)construção do Estado fosse minado pela instabilidade nas fronteiras da Etiópia – tanto pelos jihadistas da Al-Shabab numa Somália fraca, como por um Sudão dividido e pela rivalidade interminável com a Eritreia. Considerava Abiy que tão complexa vizinhança não apenas dissuadia os investidores estrangeiros, como também limitava o que a Etiópia, sem litoral, podia importar e exportar e a rapidez com que as suas periferias (atingidas pela pobreza) podiam crescer (Verhoeven, 2018).

Ainda no domínio político, as prioridades da Etiópia estão refletidas na agenda integrada da *Intergovernmental Authority on Development* (IGAD), o principal organismo regional para o Corno de África, apesar de décadas de desconfiança e de intervenções políticas além fronteiras do Corno de África terem circunscrito as ambições da IGAD (Mosley, 2020).

A Etiópia, o sexto maior país do mundo sem acesso direto ao mar, é um importante parceiro comercial do Djibuti e mantém as suas próprias disputas com o Egito. Os esforços para canalizar a água do rio Nilo Azul (que nasce nas terras altas da Etiópia) para a sua *Grand Ethiopian Renaissance Dam*²⁸, têm alimentado tensões entre ambos os Estados (e também com o outro Estado a jusante da barragem, o Sudão). O Egito acredita que a barragem ameaçará os agricultores e o país como um todo, privando-o do acesso à sua fonte essencial de água (Global Security, 2020), (Bagnetto, 2020).

Mas as disputas entre Etiópia e Egito estendem-se também à não participação de Adis Abeba no *Red Sea Forum*. O critério para ser membro do Conselho – defendido de modo veemente pelo Egito – é ser um Estado costeiro do Mar Vermelho. Esta posição procura manter a Etiópia fora dos assuntos da região, uma posição não partilhada, todavia, por outros membros (em particular a Arábia Saudita) que acreditam que, apesar da sua falta de acesso direto ao mar, Adis Abeba é um ator-chave nos assuntos (e na segurança) do Mar Vermelho (Sánchez, 2020). Isso mesmo foi reiterado, uma vez mais, em fevereiro de 2022, pela porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros da Etiópia, Dina Mufti, que afirmou que Adis Abeba exige a adesão ao *Red Sea Forum*, uma vez que o país integra a região do Corno de África e tem um contributo forte a dar para reforçar a paz e a segurança daquela região (Ethiopian News Agency, 2022).

3.2.6. Turquia

A Turquia vê a região do Mar Vermelho como parte integrante da sua esfera de influência histórica – que remonta à era otomana –

²⁸ Que a Figura 6 (secção 3.2.3) mostra.

e como uma área crucial para manter o seu instrumento militar em apoio de ambições regionais mais amplas (United States Institute of Peace, 2020b).

Os laços mais estreitos da Turquia no Corno de África são com a Somália, que tem vindo a receber o maior programa de assistência de Ancara em África, e em cuja capital, Mogadíscio, instalou a maior base militar fora de portas, em 2017 (Hussein & Coskun, 2017).

Nas disputas entre as monarquias do Golfo, a Turquia tem permanecido, desde 2017, alinhada com o Qatar. Assinou, em 2018, um acordo com Doha para aí estabelecer uma base naval que servirá, segundo Erdogan, “como garante da estabilidade e da paz, não apenas no Qatar mas em toda a região do Golfo Pérsico” (Aljazeera, 2019).

Também em 2017, Ancara assinou um contrato de arrendamento de noventa e nove anos com o Sudão para reabilitar o porto de Suakin²⁹. Houve receios de que, após o golpe de estado no Sudão, o acordo entre os dois países pudesse ser cancelado³⁰, embora isso tenha sido posto de lado pelo porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros turco, Hami Aksoy, em abril de 2019³¹ (Ghoshal, 2019).

Persistindo dúvidas acerca da continuação do projeto, o facto é que, caso venha a constituir-se como um verdadeiro ponto de apoio naval de Ancara naquela região, a Turquia passará a ter uma posição preponderante numa grande extensão – desde o Qatar (em pleno Golfo Pérsico), passando pelo Corno de África até ao Mar Vermelho (Ilha de Suakin).

²⁹ A Ilha de Suakin, na costa do Sudão, é de grande relevância geoestratégica para a Turquia pois está fisicamente no cruzamento entre o Golfo de Áden e o Canal do Suez, e entre a Arábia Saudita e a África Oriental (Ghoshal, 2019).

³⁰ Luigi Narbone e Cyril Widdershoven referem que tais discussões terminaram após a revolta sudanesa que retirou o Presidente Bashir do poder e levou Cartum a aproximar-se do Egito e Arábia Saudita (Narbone & Widdershoven, 2021, p. 14).

³¹ Aksoy afirmou que o acordo entre Ancara e Cartum estava relacionado com a renovação de edifícios históricos que remontam ao Império Otomano. Com o objetivo de transformar a ilha num importante centro turístico, especialmente para os peregrinos de Hajj, a agência turca de cooperação e desenvolvimento internacional iniciou os trabalhos de restauração em janeiro de 2018 e em março desse ano o Sudão e o Qatar assinaram um acordo de 4 mil milhões de dólares para desenvolvimento do respetivo porto (Reuters, 2018), (Sabah, 2019).

Mas esta eventual nova base é problemática para vários países do Mar Vermelho. Dada a sua proximidade, a Arábia Saudita é a primeira a preocupar-se, principalmente devido à aproximação de Ancara a Teerão³². Riade teme que o Irão possa vir a utilizá-la para enviar mais armas para os Houthis, no Iémen. Já a Turquia fica numa posição privilegiada para mais facilmente se poder imiscuir nos assuntos do Egito, através da Irmandade Muçulmana (Moubyayed, 2017). A Figura 7 mostra a localização das bases militares turcas em causa.



Figura 7: Bases militares da Turquia na costa oriental de África e Golfo Pérsico
Fonte: (World Bulletin, 2018)

³² De que é exemplo o novo contrato de fornecimento de gás do Irão à Turquia por 25 anos e o estabelecimento de um ambicioso objetivo comercial de 30 mil milhões de dólares entre ambos os Estados, assinado em Teerão em julho de 2022 (Mehdi, 2022).

4. Interações geopolíticas. Visão prospetiva

O presente capítulo foca-se nas relações entre os interesses dos atores objeto de estudo, tendo em consideração os fatores geopolíticos conjunturais elencados no capítulo anterior. Em linha com a análise produzida, podemos identificar áreas de acomodação (em que é expectável que não haja conflito no futuro próximo), áreas de conflito possível (em que em função de desenvolvimentos vindouros poderão vir a ocorrer conflitos) e áreas de conflito provável (nas quais o conflito está já latente).

4.1. Potências globais

Estados Unidos da América

Em termos de fatores políticos, a retração estratégica norte-americana ao longo da segunda década do século XXI teve implicações na ausência de uma nova arquitetura de segurança na região do Mar Vermelho, o que levou ao surgimento em força da China na região (ocupando o espaço deixado vago pelos EUA) e a que diversos atores regionais tenham vindo a disputar a liderança pela criação de uma nova ordem regional (assumindo-se a Arábia Saudita, o Egito, o Irão e a Turquia como os mais relevantes).

Relativamente aos fatores económicos, a criação de uma nova iniciativa quadrilateral (I2U2) – com a Índia, Israel e EAU – procura cimentar sinergias entre os signatários deste acordo de modo a melhor lhes permitir aprofundar a colaboração em áreas económicas chave (que vão desde a água e a energia até à segurança alimentar).

Por fim, no que aos fatores militares diz respeito, importa destacar a criação – em abril de 2022 – de uma nova *Combined Task Force* – a CTF 153 – pertencente à parceria naval multinacional *Combined Maritime Forces*, liderada pelos EUA, para atuar em todo o Mar Vermelho, em operações de segurança marítima, o que poderá querer indiciar uma atitude de Washington mais condizente com o seu estatuto de superpotência e o regresso a um palco onde disputou a liderança com a então União Soviética durante a Guerra Fria e onde foi dominante no pós Guerra Fria.

China

Relativamente aos fatores políticos, a China tem procurado ganhar influência no Mar Vermelho, aproveitando a retração norte-americana. A implementação da BRI, a proteção da diáspora nos países de ambas as margens do Mar Vermelho e a segurança dos seus avultados investimentos na região estão entre os principais interesses que Pequim pretende salvaguardar.

Em relação aos fatores económicos, China e África têm vindo a reforçar as suas trocas comerciais ao longo das últimas décadas. Pequim tornou-se mesmo o grande parceiro comercial do continente africano e a maior fonte de investimentos (e de empréstimos) para muitos Estados de África, com inúmeras empresas chinesas a operar em todo o continente (incluindo em países da sua costa oriental). Ainda neste âmbito, o *Forum on China–Africa Cooperation* assumiu-se como o principal mecanismo multilateral entre países africanos e a China.

No que concerne aos fatores militares, o estabelecimento da sua primeira base militar fora de portas, no Djibuti, permite a Pequim garantir a segurança de uma rota marítima global (por onde passa a vertente marítima da BRI) e uma relevante capacidade de projeção de poder em todo o Mar Vermelho (e espaços marítimos adjacentes). Por outro lado, muitos Estados árabes veem atualmente a China como uma grande potência que os pode ajudar na comunidade internacional, especialmente através do Conselho de Segurança da ONU, razão pela qual o *China-Arab States Cooperation Forum* está mais centrado nas questões da política internacional e regional.

Rússia

No que aos fatores políticos diz respeito, a Rússia procura ocupar o espaço deixado vago pelo envolvimento errático dos EUA no Mar Vermelho. A questão que se coloca é que também a Rússia esteve largos anos ausente, disso se ressentindo a sua relação com os países daquela região. O sucesso dessa opção de regressar a uma região onde outrora foi preponderante (como União Soviética) está muito dependente de um maior envolvimento (económico e militar) da Rússia com os Estados do Mar Vermelho.

Relativamente aos fatores económicos, as trocas comerciais com aqueles Estados são claramente o pilar mais fraco da estratégia de Moscovo para a região. O Egito tem sido o seu principal parceiro comercial (com particular ênfase nas aquisições de armamento militar, totalizando cerca de 41% entre 2016 e 2020), ligação que pode vir a ser reforçada se for confirmada a construção de uma zona industrial russa na Zona Económica do Canal do Suez.

No que diz respeito aos fatores militares, a ausência prolongada da Rússia da região fez com que perdesse protagonismo. A tentativa de regresso – sobretudo depois de 2009, quando destacou meios navais para a região do Corno de África para o combate à pirataria somali –, designadamente através da edificação de novas bases militares (como foi o caso de uma iniciativa gorada de edificar uma infraestrutura no Djibuti ou a mais recente opção pela construção de facilidades no Sudão), não tem tido o efeito pretendido.

Áreas de acomodação, de conflito possível e de conflito provável

Não se identificam, de momento, áreas de acomodação entre as três potências globais objeto de estudo nesta região (que, porém, já existiram quando os três Estados participaram, em conjunto, nos esforços internacionais de combate à pirataria marítima somali, entre 2008 e 2016).

Já em relação a áreas de conflito possível, o regresso dos EUA a uma região onde foi a potência dominante durante vários anos no pós Guerra Fria poderá fazer emergir novas tensões com a China pela supremacia no Mar Vermelho (muito para lá das que já existem na atualidade, em função da coexistência de bases militares de ambos os Estados num espaço tão exíguo como é a capital da República do Djibuti). Ainda neste âmbito, também o previsível regresso da Rússia a uma região onde foi relevante durante todo o período da Guerra Fria (então como União Soviética), poderá trazer tensões acrescidas com as demais potências globais (EUA e China), fruto de uma eventual intenção de projeção de poder na região e de aproximação a atores locais e regionais que têm, nestes últimos anos, permanecido no radar de Pequim.

Por outro lado, a estratégia de financiamento da China aos Estados africanos – através de uma combinação de subvenções, ajudas e empréstimos (gratuitos ou com baixas taxas de juro) com um generoso calendário de retorno, particularmente em projectos de infraestruturas – é uma opção muito atrativa para os países africanos. Ao contrário dos Estados ocidentais, que preferem lidar com modelos de governação transparentes e responsáveis, a China tem uma abordagem *all-inclusive* e lida com qualquer tipo de regimes políticos, sem qualquer estabelecimento de pré-condições para a concessão de apoios financeiros. Este posicionamento configura mais uma área de conflito possível, neste caso entre a China e os EUA.

No presente momento não se identificam áreas de conflito provável entre as três potências globais.

4.2. Potências regionais

Arábia Saudita

Em termos de fatores políticos, Riade tem procurado assumir uma posição de supremacia relativamente aos seus rivais tradicionais: Irão e Turquia. Por outro lado, e pese embora tenha estado ao lado do Cairo na criação do *Red Sea Forum*, mantém uma competição com o Egito pela liderança do mundo árabe sunita.

Relativamente aos fatores económicos, o reino saudita, na sua “visão 2030”, define o arrojado propósito de se tornar um importante centro logístico em toda a região da Península Arábica (incluindo o Mar Vermelho), mas também um *hub* internacional de relevo nos fluxos comerciais Europa-Ásia e Ásia-África.

No que aos fatores militares diz respeito, Riade assumiu a necessidade de conter o movimento Houthi no Iémen e o seu aliado (Irão), tendo para o efeito constituído uma aliança com os EAU em apoio do governo internacionalmente reconhecido do Presidente Abd Mansur Al-Hadi, e vindo, desde 2015, a participar ativamente no conflito. Em 2017, Riade assinou um acordo com o Djibuti relativo à futura construção de uma base militar saudita no seu território³³, o que lhe

³³ Ainda que pouco se saiba relativamente à natureza, estado e localização da futura

permitirá grande projeção de poder em toda a região do sul do Mar Vermelho.

Irão

No que aos fatores políticos diz respeito, o apoio a diversos grupos insurgentes de inspiração xiita (como os movimentos Houthis e Hezbollah) tem um propósito claro de contestar uma ordem regional dominada pela Arábia Saudita (com o apoio dos EUA e de Israel), procurando, em alternativa, construir uma ordem na qual o Irão seja a potência dominante.

Relativamente aos fatores económicos, a estratégia de Teerão passa por juntar o controlo do Estreito de Bab el-Mandeb ao controlo do Estreito de Ormuz (que já detém), o que, a ser conseguido, é muito relevante para a rota marítima global que liga o Golfo Pérsico ao Canal do Suez (através daqueles dois relevantes *chokepoints*), em particular para o comércio internacional de energia.

No que diz respeito aos fatores militares, Teerão tem usado o pretexto de ter que estar presente nos espaços confinados envolventes ao Estreito de Bab el-Mandeb para garantir a segurança dos petroleiros iranianos que cruzam aqueles espaços. Esta postura tem levado ao aumento do número de meios navais que aí estão destacados, o que, na prática, demonstra a capacidade de Teerão de projetar poder militar naquela região e de apoiar, no mar, eventuais iniciativas do movimento Houthi a partir do Iémen.

Egito

No que aos fatores políticos respeita, o Egito tem procurado assumir-se como líder simbólico do mundo árabe. Para isso tem vindo a aumentar (de modo considerável) a sua presença em todo o Mar Vermelho, tanto em termos do seu instrumento militar quanto em termos de participações em organizações multilaterais regionais.

Em relação aos fatores económicos, o Egito tem apostado num ambicioso projeto que consiste na transformação da região do Ca-

infraestrutura (AR Global Security, 2022).

nal do Suez num importante *hub* logístico internacional. Por outro lado, tem vindo a desenvolver contactos com o Djibuti para o estabelecimento de uma zona logística no extremo sul do Mar Vermelho (nas imediações do Estreito de Bab el-Mandeb).

Em termos de fatores militares, para garantir a salvaguarda dos seus interesses no Mar Vermelho (que incluem a segurança da rota marítima entre o Estreito de Bab el-Mandeb e o Canal do Suez, já que as receitas provenientes da exploração comercial deste canal têm um peso muito significativo no PIB do Egito³⁴), o Cairo criou um comando para a esquadra do Mar Vermelho e construiu, próximo da fronteira com o Sudão, uma nova base militar (com inúmeras valências) que lhe permite grande projeção de poder em toda a região.

Israel

Relativamente aos fatores políticos, releva a normalização de relações diplomáticas de Israel com diversos Estados árabes ao longo de 2020, em cumprimento dos *Abraham Accords* de que Israel é um dos signatários – Egito, Jordânia, EAU, Bahrain e Sudão –, embora no caso sudanês as condições alcançadas não sejam totalmente conhecidas.

No que aos fatores económicos diz respeito, Israel considera a rota marítima do Mar Vermelho de grande interesse já que serve o porto de Eilat, no Golfo de Aqaba. Por outro lado, e pese embora não tenha relações diplomáticas com Riade, pode ser um beneficiário do plano saudita “Visão 2030”, participando em projetos sobre comércio e infraestruturas estratégicas com Estados do Mar Vermelho.

Em relação aos fatores militares, a grande preocupação de Israel centra-se em possíveis ações do movimento Houthi (com o apoio do Irão) contra o seu território. A aproximação aos Estados árabes serve igualmente o objetivo de isolar regionalmente Teerão. Israel não teve até agora qualquer intervenção no conflito iemenita, embora as infraestruturas que detém na Eritreia (desde 2012) lhe

³⁴ Estimado em 11,7 % para 2023 (Egypt Today, 2022).

permitam monitorizar as atividades do Irão no Mar Vermelho³⁵.

Etiópia

Em termos de fatores políticos, a transição de poder ocorrida na Etiópia, em 2018, conduziu à normalização das relações diplomáticas com a Eritreia e a Somália. Tratando-se de um país sem litoral, a manutenção de boas relações com a Asmara poderia assegurar-lhe um acesso direto ao Mar Vermelho. Todavia, e porque em dezembro de 2018 o processo de paz entre ambos os Estados estagnou, Adis Abeba optou por tomar a decisão de fazer ressurgir a sua marinha³⁶, que tinha deixado de existir em 1996.

Relativamente aos fatores económicos, a construção da *Grand Ethiopian Renaissance Dam* assume grande significado para Adis Abeba, já que lhe permitirá distribuir energia elétrica para toda a população e ainda exportar para Estados vizinhos.

No que aos fatores militares diz respeito, a Etiópia vê-se, nesta data, a braços com (mais) um conflito interno (na região do Tigray), sendo que mantém um diferendo muito significativo com o Egito, em resultado da sua oposição à construção e ritmo de enchimento da barragem, que pode escalar de forma imprevisível a qualquer momento.

Turquia

No que diz respeito a fatores políticos, a Turquia procura alargar a sua influência no Mar Vermelho. A ligação à Somália, em cuja capital inaugurou, em 2017, a maior base militar fora de portas, e a sua proximidade ao Qatar (que se estendeu do Golfo Pérsico ao Mar Vermelho), com projetos comuns nessa região (Sudão), são elementos que têm levantado dúvidas aos seus adversários (Egito, Arábia Saudita e Israel).

³⁵ Através de equipas estacionadas no arquipélago Dahlak e Massawa e de um posto de escuta no Monte Soira (Amba Sawara) na Eritreia (Melvin, 2019).

³⁶ A Etiópia adotou uma estratégia de diversificação do seu acesso aos portos e de reforço da sua presença militar na região, estabelecendo uma marinha para proteger os seus interesses no Mar Vermelho (Toelgyes, 2020).

Em relação aos fatores económicos, Ancara tem procurado expandir a cooperação com vários países africanos, sobretudo com o Sudão³⁷, a Somália³⁸ e o Djibuti³⁹.

No que aos fatores militares diz respeito, a edificação de uma base militar na Ilha de Suakin e as bases no Qatar e Somália constituirão um relevante triângulo estratégico que permitirá a Ancara projetar poder do Golfo Pérsico ao Mar Vermelho.

Áreas de acomodação, de conflito possível e de conflito provável

Os *Abraham Accords* – patrocinados pelos EUA e que visaram a normalização de relações diplomáticas entre Israel e a generalidade dos países árabes dos espaços marítimos que envolvem a Península Arábica – constituem uma área de acomodação entre Israel, os EAU, o Bahrain e Sudão.

Já a aliança de diversos Estados com o governo internacionalmente reconhecido no Iémen, constitui uma área de acomodação entre a Arábia Saudita, os EAU, o Egito e o Sudão – que lançaram uma ofensiva militar no Iémen em apoio ao Presidente Abd Mansur Hadi – mas também com Israel que vê nessa aliança a possibilidade de isolamento regional do Irão.

A iniciativa I2U2, é outra área de acomodação, neste caso entre os EUA, Israel e os EAU.

O *Red Sea Forum* constitui-se como mais uma área de acomodação entre os oito Estados que o compõem – Egito, Jordânia, Arábia Saudita, Iémen (governo reconhecido internacionalmente), Sudão, Eritreia, Djibuti e Somália.

A segurança marítima de todo o Mar Vermelho e dos dois *chokepoints* críticos em cada um dos extremos – Estreito de Bab el-

³⁷ Com quem assinou 21 acordos bilaterais, no final de 2017, para impulsionar o comércio e o investimento nos sectores agrícola, industrial e de serviços (Future for Advanced Research and Studies, 2018).

³⁸ A agência turca de cooperação e desenvolvimento internacional disponibilizou, até 2017, 400 milhões de dólares em ajuda à Somália (Future for Advanced Research and Studies, 2018).

³⁹ Que inclui investimentos em infraestruturas, comércio e atribuição de bolsas a estudantes (Republic of Türkiye, 2022).

-Mandeb e Canal do Suez – é outra área de acomodação, pois nenhuma das potências tem interesse em que seja posta em causa a liberdade de navegação naqueles espaços marítimos (nem mesmo, aparentemente, o Irão já que isso poderia colocar em causa o trânsito dos seus petroleiros).

Por fim, também a BRI é uma área de acomodação entre a China e os Estados de ambas as margens do Mar Vermelho (uma vez que todos assinaram MOU⁴⁰ com Pequim, tendo a Eritreia sido o último país da região a fazê-lo⁴¹).

Mas algumas áreas de acomodação são, em simultâneo, áreas de conflito possível com outros atores. É o caso dos *Abraham Accords* – que se constituem como uma área de conflito provável entre os Estados signatários e o Irão – e do conflito no Iémen – à aliança liderada pela Arábia Saudita e EAU, opõe-se, uma vez mais, o Irão, apoiante dos Houthis que, procura, ademais, a partir do território iemenita controlado por aquele movimento, ganhar preponderância relativamente a possíveis ataques contra a Arábia Saudita e os seus aliados no Golfo Pérsico e ainda contra interesses israelitas no Norte do Mar Vermelho.

A implementação da iniciativa I2U2 é mais uma área de conflito possível com o Irão, que se opõe a qualquer ordem regional na qual participe (ou para a qual contribua) os EUA (eterno inimigo de Teerão).

Também o *Red Sea Forum* se constitui como uma área de conflito possível, neste caso concreto entre o Egito e a Etiópia. O Egito opõe-se firmemente à entrada da Etiópia nesta iniciativa (alegando que apenas países com litoral no Mar Vermelho podem ser membros). Todavia, o propósito do Egito é mais amplo e consiste em isolar regionalmente a Etiópia (com quem mantém um diferendo muito profundo relativamente ao controlo do caudal do Rio Nilo, em virtude da construção da *Grand Ethiopian Renaissance Dam*).

Mas a própria BRI é uma área de conflito possível (apesar dos MOU estabelecidos pela China com todos os Estados do Mar Ver-

⁴⁰ Acrónimo que significa *Memorandum of Understanding*.

⁴¹ Asmara assinou o MOU com Pequim em 25 de novembro de 2021 (Devonshire-Ellis, 2021).

melho). No que aos países africanos diz respeito, em concreto, têm ocorrido raptos de cidadãos chineses, sobretudo envolvidos na edificação de infraestruturas apoiadas por Pequim. Têm existido, de igual modo, protestos em diversos países contra a presença de cidadãos chineses e há uma preocupação crescente contra aquilo que muitos deles consideram ser uma armadilha o crescimento das suas dívidas para com a China⁴².

Por fim, a edificação de uma nova ordem regional (que se tornou previsível, em função da retração norte-americana a que temos vindo a assistir ao longo dos últimos anos) é mais uma relevante área de conflito possível entre potências regionais. A Arábia Saudita quer assumir-se como ator determinante na nova ordem regional. Alia um poder económico muito relevante (que procura, ainda, incrementar ao diversificar as fontes de energia além dos tradicionais hidrocarbonetos com o seu projeto “Visão 2030”) a um notável poder militar – entre 2016 e 2020 foi o país que mais gastou em percentagem do PIB em material militar (11%), sendo que grande parte desse equipamento teve origem nos EUA (79%).

Mas também o Egito quer exercer um papel de liderança nessa futura nova ordem regional. Foi o terceiro maior importador de equipamento militar entre 2016 e 2020 (tendo gastado 5,8% do PIB) e entre os seus principais fornecedores estão a Rússia (com 41% das vendas) e a França (com 28%), e tem vindo a incrementar de modo muito significativo a presença do seu instrumento militar em todo o Mar Vermelho.

O Irão procura garantir o controlo do Estreito de Bab el-Mandeb. Se for bem sucedido – e como já detém o controlo do Estreito de Ormuz – passará a ter uma importante posição geoestratégica em dois dos quatro *chokepoints* críticos para o comércio internacional de energia⁴³, o que lhe conferirá relevância acrescida na nova ordem regional. As questões religiosas separam o Irão da Arábia Saudita e do Egito, sendo que mantém relação normais com a Turquia.

⁴² Alguns governos africanos anunciaram mesmo o cancelamento ou adiamento de grandes projectos (como foi o caso do Egito que congelou um investimento de 20 mil milhões de dólares da China para o desenvolvimento de uma nova capital administrativa a leste do Cairo (Lokanathan, 2020).

⁴³ Os outros dois são o Estreito de Malaca e o Canal do Suez (Cunningham, 2018).

A Turquia tem vindo a intensificar a presença no Mar Vermelho. A sua estratégia passa por expandir a cooperação com alguns Estados – em particular com a Somália, o Djibuti e o Sudão – com o intuito de obter dividendos para a edificação de bases militares que lhe permitam projetar (ainda) mais poder em toda a região.

A Etiópia pretende também ser relevante no Mar Vermelho, embora exista um grande *handicap* – não tem uma saída direta para o mar – o que levou à histórica decisão de fazer ressurgir, em dezembro de 2018, a sua marinha que havia deixado de existir em 1996. A sua relação com o Egito é muito frágil (devido à questão da nova barragem sobre o Nilo Azul) e pode quebrar facilmente, levando, no limite, a um eventual conflito que pode estender-se ao Mar Vermelho.

Não se identificam, por enquanto, áreas de conflito provável no nível regional, embora algumas das áreas de conflito possível possam vir a resultar, em função de ocorrências supervenientes, em áreas de conflito provável. É o caso do conflito armado no Iémen que poder levar ao extremar de posições entre a Arábia Saudita e o Irão. E é, também, o caso de qualquer tentativa de imposição de uma nova ordem regional que quebre os parques equilíbrios que ainda existem na região. A militarização dos espaços marítimos do Mar Vermelho a que temos vindo a assistir – e que tende a aumentar no futuro próximo, em função das novas bases militares que já estão projetadas e da edificação da marinha etíope – é, todavia, ainda que de forma não premeditada, uma condição suficiente para agudizar tensões que já existem e podem facilmente escalar (o que pode por exemplo acontecer através de um ataque inopinado a um navio de guerra de um dos muitos Estados que aí têm meios destacados).

5. Conclusões

Do que antecede emerge a convicção de que estamos a assistir a uma competição geopolítica alargada no Mar Vermelho, que envolve potências globais e regionais.

No nível global, o maior empenhamento do poder militar dos EUA no Mar Vermelho – que irá ocorrer no imediato em virtude da

edificação da nova CTF 153 –poderá fazer emergir novas tensões com a China pela supremacia nesse espaço. Ainda neste âmbito, também o previsível regresso da Rússia a esta região poderá trazer tensões acrescidas com as demais potências globais (EUA e China), fruto de uma eventual intenção de projeção de poder na região e de aproximação a atores que têm, nestes últimos anos, permanecido no radar de Pequim

No nível regional, quatro potências procuram ser determinantes numa futura ordem que venha a existir na região do Mar Vermelho – Arábia Saudita, Egito, Irão e Turquia – sendo que tanto Israel quanto a Etiópia poderão vir a ser relevantes nesse processo, em função do seu posicionamento e das relações que têm com aquelas potências.

A Arábia Saudita pretende assumir a liderança do mundo árabe. É neste aspeto, em concreto, oponente do Egito que tem intenções semelhantes e vê o Irão como o seu inimigo tradicional e a Turquia como um inimigo desde que em 2011 apoiou a Irmandade Muçulmana (que Riade considera uma ameaça existencial).

O Egito é outra potência que procura ser relevante na criação de uma nova ordem regional. É aliado da Arábia Saudita no conflito iemenita e no *Red Sea Forum*. Mas tem a sua própria agenda para o Mar Vermelho onde pretende exercer a sua influência. Opõe-se à Etiópia com quem tem um grande diferendo – relativo à nova barragem etíope no Nilo Azul. Opõe-se, ainda, ao Irão (xiita) e à Turquia (por ter sido apoiante da Irmandade Muçulmana na Primavera Árabe de 2011 que o Cairo considera ser uma organização terrorista).

O Irão pretende, com o apoio das diferentes organizações de inspiração xiita espalhadas por diversos Estados da Península Arábica e Golfo Pérsico (desde os houthis, no Iémen, ao Hezbollah, no Líbano), isolar a Arábia Saudita e assumir-se como potência dominante nestes espaços (e também no Mar Vermelho).

A Turquia tem uma estratégia expansionista no sul do Mar Vermelho. Procura concretizar uma aspiração antiga de criar um forte ponto de apoio naval no Sudão e constituir um relevante triângulo estratégico nos espaços marítimos que envolvem o Estreito de Babel-Mandeb. Mantém-se afastada tanto do Egito quanto da Arábia Saudita e tem relações (comerciais) normais com o Irão.

Concluimos, referindo que foi possível provar que o Mar Vermelho, pela relevância que tem para o comércio marítimo internacional – em particular de energia – e pela possibilidade de afirmação e projeção de poder dos atores que aí estão presentes, é atualmente um importante palco de competição geopolítica das potências globais (EUA, China e Rússia) e das potências regionais (sobretudo Arábia Saudita, Egito, Irão e Turquia), e que as disputas entre elas se encontram em fase ascendente.

Bibliografia

- Abdelaziz, K., 2020. *Sudan's Burhan casts doubt on rapid normalization of ties with Israel*. Disponível em:
<https://www.reuters.com/article/us-israel-sudan/sudans-burhan-casts-doubt-on-rapid-normalization-of-ties-with-israel-idUSKBN1ZY1HD>
[Acedido em 18 outubro 2022].
- Aljazeera, 2019. *Erdogan: Turkey-Qatar military base serves regional 'stability'*. Disponível em:
<https://www.aljazeera.com/news/2019/11/25/erdogan-turkey-qatar-military-base-serves-regional-stability/>
[Acedido em 17 outubro 2020].
- Al-Mashareq, 2022. *New US-led CMF task force to patrol Red Sea, Gulf of Aden*. Disponível em:
https://almashareq.com/en_GB/articles/cnmi_am/features/2022/04/14/feature-03
[Acedido em 21 outubro 2022].
- Ang, C., 2021. *Mapping the World's Key Maritime Choke Points*. Disponível em:
<https://www.visualcapitalist.com/mapping-the-worlds-key-maritime-choke-points/>
[Acedido em 26 outubro 2022].
- AR Global Security, 2022. *Which Countries Have Military Bases in Djibouti in 2022?*. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=xECH3oI6RKU>
[Acedido em 27 outubro 2022].

- Bagnetto, L. A., 2020. *New Red Sea alliance launched by Saudi Arabia, but excludes key players*. Disponível em:
<https://www.rfi.fr/en/africa/20200108-new-red-sea-alliance-formed-saudi-arabia-notable-exclusions>
[Acedido em 21 outubro 2022].
- Bao, J., 2019. *Chinese Navy escort formation: more than 6,700 Chinese and foreign ships have been escorted in the past 11 years*. Disponível em:
<http://military.cctv.com/2019/12/24/ARTIFFBiRRQJw52GVr-Pl5xON191224.shtml>
[Acedido em 26 outubro 2022].
- BBC, 2012. *Sudan blames Israel for Khartoum arms factory blast*. Disponível em:
<https://www.bbc.com/news/world-africa-20050781>
[Acedido em 18 outubro 2022].
- Briney, A., 2021. *The Halayeb Triangle*. Disponível em:
<https://www.thoughtco.com/halayeb-triangle-1435449>
[Acedido em 18 outubro 2022].
- Cunningham, N., 2018. *The 4 Key Chokepoints For Oil*. Disponível em:
<https://oilprice.com/Energy/General/The-4-Key-Chokepoints-For-Oil.html>
[Acedido em 10 Maio 2021].
- Dentice, G., 2022. *The Red Sea: A permanent arena of interest for Israel*. [Online] Disponível em:
<https://trendsresearch.org/insight/the-red-sea-a-permanent-arena-of-interest-for-israel/>
[Acedido em 23 outubro 2022].
- Devonshire-Ellis, C., 2021. *Eritrea Joins The Belt And Road Initiative*. Disponível em:
<https://www.silkroadbriefing.com/news/2021/11/28/eritrea-joins-the-belt-and-road-initiative/#:~:text=The%20north-east%20African%20country%20Eritrea%20has%20signed%20an,Cai%20Ge%20and%20Eritrea%20E2%80%99s%20Foreign%20Minister%20Osman%20Saleh.>
[Acedido em 30 outubro 2022].
- Dierich, S., 2021. *Russia in the Red Sea*. Disponível em:
<https://simondierich.com/2021/10/04/russia-in-the-red-sea/>
[Acedido em 27 outubro 2022].

- Egypt Today, 2019. *Negotiations underway for establishing Egyptian logistical zone in Djibouti*. Disponível em:
<https://www.egypttoday.com/Article/3/76168/Negotiations-underway-for-establishing-Egyptian-logistical-zone-in-Djibouti>
[Acedido em 18 outubro 2022].
- Egypt Today, 2020. *Russia's investments in Egypt reaches \$7.4B, another \$7B to be added soon: amb. Georgiy Borisenko*. Disponível em:
<https://www.egypttoday.com/Article/1/91470/Russia%E2%80%99s-investments-in-Egypt-reaches-7-4B-another-7B-to>
[Acedido em 23 outubro 2022].
- Egypt Today, 2022. *Egypt expects GDP to grow by 5.5% in 2022/23*. Disponível em:
<https://www.egypttoday.com/Article/3/119825/Egypt-expects-GDP-to-grow-by-5-5-in-2022>
[Acedido em 27 outubro 2022].
- Ethiopian News Agency, 2022. *Ethiopia Demands Admission to Red Sea Forum, Criticizes Its Exclusion*. Disponível em:
<https://www.ena.et/en/?p=33745>
[Acedido em 21 outubro 2022].
- Fabian, E., 2022. *Gantz: Iran's maritime activity in Red Sea is 'most significant' in a decade*. Disponível em:
<https://www.timesofisrael.com/gantz-irans-maritime-activity-in-red-sea-is-most-significant-in-a-decade/>
[Acedido em 23 outubro 2022].
- Future for Advanced Research and Studies, 2018. *Why is Turkey's Boosting its Economic Presence in the Red Sea?*. Disponível em:
<https://futureuae.com/m/Mainpage/Item/3595/potential-gains-why-is-turkeys-boosting-its-economic-presence-in-the-red-sea>
[Acedido em 28 outubro 2022].
- Ghoshal, D., 2019. *What is happening in Suakin Island?*. Disponível em:
<http://sr.sgpp.ac.id/post/what-is-happening-in-suakin-island>
[Acedido em 2017 outubro 2020].
- Global Security, 2020. *Red Sea Council*. Disponível em:
<https://www.globalsecurity.org/military/world/int/red-sea.htm>
[Acedido em 21 outubro 2022].

- Guzansky, Y. & Eran, O., 2018. The Red Sea: An Old-New Arena of Interest. *INSS Insight No. 1068*.
- Haddad, M., 2022. *Infographic: Yemen's war explained in maps and charts*. Disponível em:
<https://www.aljazeera.com/news/2022/2/9/yemens-war-explained-in-maps-and-charts-interactive>
[Acedido em 4 outubro 2022].
- Hashem, A., 2020. *Yemen's Houthis seek regional role as part of Axis of Resistance*. Disponível em:
<https://www.al-monitor.com/originals/2020/04/yemen-houthis-regional-role-palestine.html>
[Acedido em 23 outubro 2022].
- Hussein, A. & Coskun, O., 2017. *Turkey opens military base in Mogadishu to train Somali soldiers*. Disponível em:
<https://www.reuters.com/article/us-somalia-turkey-military/turkey-opens-military-base-in-mogadishu-to-train-somali-soldiers-idUSKCN1C50JH>
[Acedido em 17 outubro 2020].
- Islam Wiki, 2022. *Ansar Allah*. Disponível em:
https://islam.fandom.com/wiki/Ansar_Allah
[Acedido em 25 outubro 2022].
- Jones, S. G. et al., 2021. *The Iranian and Houthi War against Saudi Arabia*, s.l.: Center for Strategic and International Studies.
- Kelly, L., 2019. *Sudan closing Hamas and Hezbollah offices in bid for U.S. sanctions relief*. Disponível em:
<https://thehill.com/policy/international/474806-sudan-closing-hamas-and-hezbollah-offices-in-bid-for-us-sanctions-relief/>
[Acedido em 18 outubro 2022].
- Knopf, P. & Feltman, J., 2020. *Normalizing Sudan-Israel relations now is a dangerous game*. Disponível em:
<https://www.brookings.edu/blog/order-from-chaos/2020/09/24/normalizing-sudan-israel-relations-now-is-a-dangerous-game/>
[Acedido em 18 outubro 2022].
- Larsen, J. & Stepputat, F., 2019. Gulf state rivalries in the Horn of Africa: TIME FOR A RED SEA POLICY?. *Danish Institute for International Studies Policy Brief April 2019*.
- Lokanathan, V., 2020. *China's Belt and Road Initiative: Implications in*

- Africa. Issue Brief n° 395*, New Delhi: Observer Research Foundation.
- Markey, D. & Youssef, H., 2022. *What You Need to Know About the I2U2*. Disponível em:
<https://www.usip.org/publications/2022/07/what-you-need-know-about-i2u2>
[Acedido em 26 outubro 2022].
- Mehdi, S. Z., 2022. *Erdogan's visit 'turning point' in Iran-Türkiyeties: Raisi*. Disponível em:
<https://www.aa.com.tr/en/politics/erdogans-visit-turning-point-in-iran-turkiye-ties-raisi/2640470>
[Acedido em 28 outubro 2022].
- Melvin, N., 2019. The Foreign Military Presence in the Horn of Africa Region. *SIPRI Background Paper*, pp. 1-31.
- Middle East Eye, 2019. *Yemen war: Who is the Southern Transitional Council?*. Disponível em:
<https://www.middleeasteye.net/news/yemen-war-who-are-southern-transitional-council>
[Acedido em 25 outubro 2022].
- Mishra, V. & Gurjar, S., 2022. *The US and changing geopolitics of the Red Sea*. Disponível em:
<https://www.orfonline.org/expert-speak/the-us-and-changing-geopolitics-of-the-red-sea/>
[Acedido em 23 outubro 2022].
- Mosley, J., 2020. ETHIOPIA'S TRANSITION:: IMPLICATIONS FOR THE HORN OF AFRICA AND RED SEA. *SIPRI insights on peace and security no. 2020/5*, pp. 1-29.
- Moubayed, S., 2017. *Turkish base in Sudan a problem for Arab powers*. Disponível em:
<https://gulfnews.com/world/mena/turkish-base-in-sudan-a-problem-for-arab-powers-1.2148443>
[Acedido em 17 outubro 2022].
- Narbone, L. & Widdershoven, C., 2021. *The Red Sea link. Geo-economic projections, shifting alliances, and the threats to maritime trade flows.*, Fiesole: European University Institute.
- Nogueira, J. M. F., 2011. *O Método Geopolítico Alargado. Persistências e Contingências em Portugal e no Mundo*. Lisboa: Instituto de Estudos

Superiores Militares.

- Obsiye, A., 2017. *Cold War 2.0: The Red Sea*. Disponível em:
https://www.hiiraan.com/op4/2017/Nov/145050/cold_war_2_0_the_red_sea.aspx
[Acedido em 25 outubro 2020].
- Ostroukh, A., 2015. *Saudi Arabia to Invest up to \$10 Billion in Russia*. Disponível em:
<https://www.wsj.com/articles/saudi-arabia-to-invest-up-to-10-billion-in-russia-1436198674>
[Acedido em 23 outubro 2020].
- Payne, J., 2022. *Red Sea in Focus*. Disponível em:
<https://nesa-center.org/red-sea-in-focus/#:~:text=The%20Cold%20War%20featured%20a%20rotating%20competitive%20cycle,waters%20surrounding%20the%20Arabian%20Peninsula%20since%20the%201980s>
[Acedido em 25 outubro 2022].
- Ramani, S., 2021. *Russia's Growing Ambitions in the Red Sea Region*, London: Royal United Services Institute for Defence and Security Studies.
- Republic of Türkiye, 2022. *Relations between Turkey and Djibouti*. Disponível em:
<https://www.mfa.gov.tr/relations-between-turkey-and-djibouti.en.mfa>
[Acedido em 29 outubro 2022].
- Reuters, 2018. *Sudan, Qatar to sign \$4 billion deal to manage Red Sea port -ministry*. Disponível em:
<https://www.reuters.com/article/us-sudan-qatar-idUSKB-N1H22WH>
[Acedido em 17 outubro 2022].
- Reuters, 2022. *Israel says Iran military build up in Red Sea is threat to stability*. Disponível em:
<https://www.reuters.com/world/middle-east/israel-says-iranian-warships-have-been-patrolling-red-sea-2022-07-05/>
[Acedido em 21 outubro 2022].
- Russia Maritime Studies Institute, 2015. *Maritime Doctrine of the Russian Federation*. Newport: United States Naval War College.
- Russian Federation, 2022. *Russian Maritime Doctrine (English ver-*

- sion). Moscow: Russian Federation.
- Sabah, D., 2019. *Turkey to remain on Sudan's Suakin Island for civilian purposes*. Disponível em:
<https://www.dailysabah.com/diplomacy/2019/04/26/turkey-to-remain-on-sudans-suakin-island-for-civilian-purposes>
[Acedido em 17 outubro 2022].
- Sánchez, V. S., 2020. *The Red Sea Council: Limits And Value Of A New Regional Organization*. Disponível em:
<https://www.somtribune.com/2020/03/09/the-red-sea-council-limits-and-value-of-a-new-regional-organization/>
[Acedido em 21 outubro 2022].
- Santos, L. B. & Lima, J. V., 2019. *Orientações Metodológicas para a Elaboração de Trabalhos de Investigação*. Lisboa: Instituto Universitário Militar.
- Shay, S., 2017. *Egypt strengthens its Strategic Presence in the Red Sea*. Disponível em:
<https://www.israeldefense.co.il/en/node/28177>
[Acedido em 4 outubro 2022].
- Spiro, A., 2020. *Where do Israel and Saudi Arabia go from here?*. Disponível em:
<https://jewishinsider.com/2020/12/israel-saudi-arabia-normalization/>
[Acedido em 28 outubro 2022].
- Tharoor, I., 2017. *The Persian Gulf crisis over Qatar, explained*. Disponível em:
<https://www.washingtonpost.com/news/worldviews/wp/2017/06/06/the-persian-gulf-crisis-over-qatar-explained/>
[Acedido em 25 outubro 2022].
- The Arab Republic of Egypt, 2020. *Berenice Military Base*. Disponível em:
<https://www.presidency.eg/EN/%D8%A7%D9%84%D9%85%D8%B4%D8%A7%D8%B1%D9%8A%D8%B9-%D8%A7%D9%84%D9%82%D9%88%D9%85%D9%8A%D8%A9/%D9%82%D8%A7%D8%B9%D8%AF%D8%A9-%D8%A8%D8%B1%D9%86-%D9%8A%D8%B3-%D8%A7%D9%84%D8%B9%D8%B3%D9%83%D8%B1%D9%8A%D8%A9/>
[Acedido em 18 outubro 2022].

- Toelgyes, C., 2020. *The revival of Ethiopian Navy, the Horn of Africa, the Red Sea, Regional power dynamics*. Disponível em: https://www.africa-express.info/2020/01/25/the-revival-of-ethiopian-navy-the-horn-of-africa-the-red-sea-regional-power-dynamics/#_edn15 [Acedido em 4 outubro 2022].
- U.S. Department of State, 2021. *The Abraham Accords*. Disponível em: <https://www.state.gov/the-abraham-accords/> [Acedido em 23 outubro 2022].
- United States Institute of Peace, 2020a. *China's Impact on Conflict Dynamics in the Red Sea Arena*, Washington: s.n.
- United States Institute of Peace, 2020b. *Senior Study Group on Peace and Security in the Red Sea Arena*, Washington: s.n.
- Verhoeven, H., 2018. The Gulf and the Horn: Changing Geographies of Security Interdependence and Competing Visions of Regional Order. *Civil Wars Vol. 20, No. 3*, pp. 333-357.
- Vertin, Z., 2019b. Toward a Red Sea Forum: The Gulf, the Horn of Africa, & Architecture for a New Regional Order. *Brookings Doha Center Analysis Paper Number 27*, novembro, pp. 1-46.
- Waal, A. d., 2020. *The Red Sea: 'A vital artery for the world economy'*. Disponível em: <https://www.theafricareport.com/50046/the-red-sea-a-vital-artery-for-the-world-economy/> [Acedido em 14 outubro 2022].
- Wezeman, P. D., Kuimova, A. & Wezeman, S. T., 2021. *Trends in International Arms Transfers, 2020*, Solna, Sweden: Stockholm International Peace Research Institute.
- Wood, C., 2018. *Bab el-Mandeb: The Gate of Tears. A focal point of money, oil and power*. Disponível em: <https://www.thetrumpet.com/17645-bab-el-mandeb-the-gate-of-tears> [Acedido em 24 outubro 2022].
- Wood, P. , 2009. *Did Israel carry out Sudan strike?*. Disponível em: <http://news.bbc.co.uk/2/hi/africa/7966865.stm> [Acedido em 18 outubro 2022].
- World Bulletin, 2018. *Sudan's Suakin reveal the location for Turkish*

- military base*. Disponível em:
<https://worldbulletin.dunyabulteni.net/africa/sudan-s-suakin-reveal-the-location-for-turkish-military-base-h207207.html>
[Acedido em 17 outubro 2022].
- Zaher, H. A., 2020. *New naval base boosts Egypt's presence in the Red Sea*. Disponível em:
https://www.thearabweekly.com/sites/default/files/2020-01/Issue_240.pdf#page=10
[Acedido em 18 outubro 2022].
- Zimmerman, K. & Heras, N. A., 2022. *Yemen Has Become an Iranian Proxy War Against Israel*. Disponível em:
<https://foreignpolicy.com/2022/01/24/yemen-houthi-uae-israel-iran-abraham-accords/>
[Acedido em 23 outubro 2022].